

Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde ,
organizado por J. Ribeiro, I. Leal, e M. Dias 2000, Lisboa:
ISPA

Representações sócias da educação sexual em adolescentes

I. PISCALHOO
L SERAFIMO
L LEAL O

Tão velhos como a história, os comportamentos sexuais pertencem, tanto quanto possível, ao domínio privado. Os impulsos, mesmo os mais vorazes, aparecem justificados por uma moral de reprodução. A idéia do prazer leva a outra, a do pecado. Por isso, a procriação é para muitos a única premissa que justifica a urgência dos corpos. Mas, o tempo passa. A promessa do amor livre durou pouco, a SIDA mata, os divórcios aumentam, a publicidade tenta reinventar o desejo, enquanto algures, alguém se liga ao computador à procura do êxtase. O desejo, a culpa, o medo, uma antecipação de falhanço instala-se, nuns, outros continuam a estabelecer compromissos. E se na adolescência tudo isto é ainda mais confuso, o que fazer com os inevitáveis impulsos e a surpresa do corpo?

* Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

A nclulr Mi iiii iii <• (i pi-íodo em que os jovens constroem uma nova idrnldadc pessoal através de um processo de autonomia face aos adultos sendo viiül nesle processo a construção da intimidade amorosa e sexual, de uni novo espaço de fantasias, desejos, experiências, relações e segredos que não desejam ver invadidos pelos conselhos ou juízos de valor dos adultos (Félix, 1995).

É a fase da vida em que, do ponto de vista da sexualidade, os jovens estão sujeitos a um grande número de transformações biológicas (a puberdade) e psicossociais (a adolescência).

Ora, na sexualidade existe todo um processo de aprendizagem quotidiana, espontânea e ocasional, através da percepção de atitudes que os vários intervenientes (pais, família, amigos, professores, meios de comunicação social, etc.) produzem face aos acontecimentos e atitudes sexuais. Esta aprendizagem não se restringe à infância e adolescência, mas prolonga-se através de toda a vida do adulto, e tão importante quanto este processo de transmissão de valores são as próprias experiências de relacionamento íntimo que poderão ou não promover uma atitude positiva e saudável face à própria sexualidade.

Por isso estar informado, quer se seja jovem ou adulto, permite por um lado, fomentar esta atitude positiva face à sexualidade, fazendo com que a qualidade afectiva das relações sexuais assumam cada vez maior importância e por outro lado, saber evitar as doenças sexualmente transmissíveis (DST), nomeadamente a SIDA; a gravidez indesejada; o aborto, através da prática de comportamentos inteligentes que passam por uma sexualidade responsável, segura e gratificante.

Os adolescentes estão, constantemente expostos a mensagens (explícitas ou implícitas) alusivas ao sexo e sexualidade, sendo o acesso à informação muito fácil. Contudo, embora esteja ao alcance de qualquer jovem a informação sexual, ela por si só não faz a sua Educação Sexual. Claramente, precisam de ajuda para apreenderem a processar estas diferentes mensagens que diariamente lhes são transmitidas (Sanders & Swinden, 1995).

Gravidez indesejada, aborto, doenças sexualmente transmissíveis, assédio e violação, abuso sexual, inibições na expressão afectiva são alguns



exemplos de problemas que podem ser evitados com a existência de uma educação sexualizada que deve acompanhar todo o processo de desenvolvimento (Frade et al., 1992).

A educação sexual, segundo Sanders & Swinden (1995), tem como objectivo ajudar os adolescentes a tomar decisões responsáveis no que diz respeito às relações que têm com os outros, sendo neste aspecto também relevante ajudar os adolescentes a desenvolver um sentido positivo de si próprios.

Para um bom começo da vida sexual do adolescente, este deve sentir responsabilidade na relação e pensar que é fundamental o respeito pela dignidade e igualdade de cada pessoa, pelos sentimentos expressos do próprio e do outro, pelo modo diferente de pensar e de agir.

A Educação Sexual é, desta forma, um contributo para o crescimento e para a realização psicológica e pessoal, e também para a capacidade de estabelecer relações interpessoais, permitindo, assim, uma melhor qualidade de vida dos indivíduos, porque estes serão felizes se sentirem bem consigo próprios e com os outros.

Assim, a Educação Sexual é um processo através do qual a pessoa se desenvolve enquanto ser sexuado e sexual, por intermédio de um conjunto de acções estruturadas e formais, a Educação sexual explícita e, simultaneamente, de um conjunto de acções não estruturadas e informais, a Educação Sexual implícita (Machado, 1988).

A Educação Sexual torna-se cada vez mais urgente nestas idades, uma vez que a sexualidade adquire neste momento especial do desenvolvimento dos sujeitos uma grande importância e especificidade.

Constatou-se que o conceito de Educação Sexual conduz a constantes interrogações quando se tenta precisar e definir. Não obstante, as pessoas têm uma representação social acerca do assunto, sendo esta um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objecto ou situação, neste caso o conceito de Educação sexual.

Torna-se então premente averiguar o modo como os sujeitos que estão prestes a iniciar a sua vida sexual, ou que recentemente o fizeram, se relacionam com o tema da Educação sexual, ou seja, saber junto deles o que

pcnsiim ilo assunto, a sua disposição, as áreas de interesse, como e com quem pretendem ser educados a este nível. Este seria, assim, o primeiro passo para a elaboração de uma proposta de intervenção neste campo da sexualidade, que iria ao encontro das verdadeiras necessidades dos jovens, sendo desta forma mais eficaz.

Em 1984 foi aprovada uma lei que abordou pela primeira vez, no plano, jurídico, a necessidade, o carácter obrigatório e o apoio do Estado ao desenvolvimento de programas de Educação Sexual Escolar. No entanto, tendo sido aprovada, esta lei não foi regulamentada, ou seja, na sua forma sistematizada e generalizada, não se cumpre, isto é, nunca existiu um programa que abrangesse as milhares de escolas existentes no País, desde o Ensino Básico ao Secundário. Só que, também, nada impediu que fossem as próprias escolas a desenvolver projectos nesta área.

Mas, ao fim de 16 anos é o que se vê. A realidade reflecte bem a complexidade que envolve a abordagem desta matéria. A Educação Sexual, no nosso País, não ultrapassou a barreira dos projectos-piloto.

O estudo exploratório aqui apresentado tem como objectivo estudar as representações sociais da educação sexual, numa população de adolescentes e averiguar quais as diferenças entre dois grupos de idade, as faixas etárias dos 10-13 anos e a dos 15-20 anos.

MÉTODOS

Participantes

Devido à adolescência englobar um grande leque de idades e considerando a necessária relatividade do seu conceito (nomeadamente de cultura para cultura) e dos limites da idade que marcam o seu início e o seu fim, procedeu-se a uma criação de dois grupos de adolescentes, uns mais novos (pré-adolescentes) e outros numa fase mais avançada da adolescência, para que se pudesse fazer uma comparação entre ambos.

Deste modo, a amostra do nosso estudo foi constituída por 605 adolescentes, estando esta, dividida em dois grupos. Um grupo é composto

por 305 sujeitos de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos (sendo a média etária 11 anos) e que frequentam o 2º ciclo do Ensino Básico. Neste grupo 50,5% dos sujeitos são sexo masculino e 49,5% do sexo feminino.

O outro grupo é formado por 300 sujeitos de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos (sendo a média etária 17 anos) e que frequentam o Ensino Secundário. Destes, 39,7% são do sexo masculino e 60,3% são do sexo feminino.

Material

O instrumento utilizado foi um questionário, elaborado de forma a operacionalizar as representações sociais da educação sexual, em quatro das suas dimensões sugeridas pelos autores Moscovici (1984) e Jodelet (1989), como sendo importantes para o estudo das Representações Sociais:

- a) Fontes de informação: pretende-se saber quais são os meios através dos quais os sujeitos obtêm informação sobre a sexualidade e a educação sexual. Como é que a informação lhes chega.
- b) Informação: pretende-se avaliar a quantidade e a qualidade da informação que os sujeitos possuem acerca da sexualidade e da educação sexual.
- c) Crenças: perceber quais os valores subjacentes à construção da representação social da Educação Sexual que os sujeitos possuem.
- d) Atitudes: pretende-se compreender o posicionamento dos sujeitos quando confrontados com uma situação concreta.

Para a construção deste questionário baseámo-nos noutros, já utilizados no âmbito da Educação Sexual em Portugal, tendo também como base, a revisão da literatura efectuada.

O questionário é composto por vinte questões de respostas graduadas, fechadas e abertas, que remetem para as dimensões das Representações Sociais já anteriormente mencionadas.

RESULTADOS

No que diz respeito à dimensão *Fontes de Informação*, na opinião dos adolescentes da amostra, quem compete abordar o tema da educação sexual aos jovens são prioritariamente os pais. Mas, enquanto que os sujeitos mais novos recorrem aos pais quando lhes surgem dúvidas acerca deste tema, os mais velhos elegem os amigos, seguindo-se as leituras.

Sensivelmente metade dos sujeitos da amostra, referiu já ter abordado este assunto na escola, numa aula, devido ao conteúdo programático da disciplina. Pode-se afirmar, de acordo com os resultados obtidos, que a algumas turmas a quem foi aplicado o questionário já foi abordado o tema da Educação sexual na escola, enquanto que noutras isso não aconteceu. Não havendo a possibilidade de especificar as razões concretas para o sucedido, presume-se que a diferença esteja na matéria curricular, consoante o ano lectivo, uma vez que a amostra era composta por sujeitos de anos de escolaridade diversos, contendo este, obviamente, currículos diferentes.

Em relação à informação sobre sexualidade que receberam das diversas fontes de informação, verificou-se que os sujeitos mais novos consideram ter recebido menos informação, nomeadamente a partir de fontes como a mãe, amigos, professores, técnicos de saúde e meios de comunicação, em comparação com os sujeitos mais velhos.

No que concerne à dimensão *Informação*, os adolescentes da amostra acham que estão informados de forma semelhante à dos seus pares, admitindo ter algumas dúvidas sobre o tema da sexualidade.

No programa de Educação Sexual, os sujeitos mais novos gostariam de abordar temas como o "Amor" e a "Relação sexual", já os adolescentes mais velhos dão preferência a temas como as "DST" e a "Contraceção".

Os sujeitos mais novos consideram a informação recebida sobre sexualidade por parte dos amigos, pais, professores, como sendo boa; e a recebida por parte dos meios de comunicação, técnicos de saúde e religiosos, consideram suficiente. Em relação aos sujeitos mais velhos, a informação recebida sobre este tema através dos amigos e meios de comunicação é

considerada boa, pelos pais, professores e técnicos de saúde, suficiente; e a recebida por parte dos religiosos é considerada insuficiente.

Relativamente à dimensão *Crenças*, verificou-se que os adolescentes consideram que a sexualidade assume um papel importante na vida das pessoas, sendo a maioria da opinião que este tema deveria ser incluído no programa escolar, como disciplina independente. No entanto, os mais jovens defendem que esta deve ser iniciada no 2º ciclo do Ensino Básico, enquanto que os mais velhos acham que esta deve ser iniciada um pouco mais tarde, no 3º ciclo do Ensino Básico.

A maioria dos adolescentes da amostra não são da opinião que este seja um tema que deva ser ensinado separadamente aos rapazes e às raparigas. Enquanto os mais velhos acham que os pais são a favor da introdução da Educação Sexual na escola, os adolescentes mais novos não sabem se os pais seriam a favor desta disciplina, embora uma grande parte ache que sim. Verificam-se, também, algumas diferenças entre os dois grupos de idades da amostra, quando os mais novos referem que os adultos, na sua maioria, se sentem à vontade para falar sobre este assunto com os jovens, enquanto que os mais velhos são de opinião contrária.

Quando se fala em Educação Sexual, a primeira coisa que os adolescentes mais novos pensam é no "Amor", "Falar sobre sexualidade" e "Namoro", enquanto os adolescentes mais velhos associam-na a "Sexo e Comportamento sexual", "Educação, Informação e Prevenção".

Em relação à última dimensão que são as *Atitudes*, apurou-se que a maioria dos sujeitos que constituem a amostra, têm curiosidade sobre sexualidade e não sentem nenhuma vergonha pelo tema.

Os adolescentes mais jovens gostariam, preferencialmente, de esclarecer as suas dúvidas que têm sobre sexualidade com os pais, seguidamente com os amigos, sendo privilegiados para o efeito os elementos do sexo feminino. Já os mais velhos, gostariam de esclarecer as suas dúvidas com os amigos e técnicos de saúde, sendo indiferente o sexo da pessoa.

Ainda, a maioria dos adolescentes inquiridos, referiu frequentar um programa de Educação sexual, caso existisse algum na sua escola.

DISCUSSÃO

Este estudo poderá, pelos resultados encontrados, contribuir de algum modo, para o delineamento de estratégias de intervenção específicas para a população estudada. Estas estratégias podem ser operacionalizadas através de campanhas de intervenção, de acções de formação, ou outras que possam sensibilizar e consciencializar os sujeitos para a importância da Educação Sexual, nestas faixas etárias.

Neste sentido, parece-nos relevante a perspectiva de Valdisseri (1989), no que diz respeito à necessidade dos programas de intervenção contemplarem um conhecimento prévio dos diferentes grupos de indivíduos considerados como potenciais alvos. É assim sublinhada a utilidade do estudo das características especiais de um grupo, não só ao nível da possível identificação dos seus membros como também no planeamento de programas de intervenção que o grupo venha a considerar relevantes, realistas e aceitáveis.

A pertinência deste estudo reside, deste modo, na possibilidade não só de investigar as Representações Sociais da Educação Sexual nos adolescentes, mas também perceber quais os assuntos que despertam maior interesse, averiguar que dúvidas existem, bem como quais as crenças e atitudes dos adolescentes face a este tema.

No presente estudo, verificou-se a existência de diferenças nas Representações Sociais da Educação Sexual em adolescentes, mas mais pronunciadas no que diz respeito às Dimensões Fontes de Informação e Informação, ou seja, quanto à quantidade e qualidade da informação e meios através das quais o sujeito obtém a informação, neste caso sobre Educação Sexual.

A nossa opinião é que se deve mudar o rumo que certos agentes imprimem à Educação Sexual, pois está demonstrado que transmitem dados falsos, fomentando a repressão, os tabus e a ignorância. Para pôr termo a este estado de coisas, o primeiro passo seria dispor de um código de comunicação e informação comuns a todas as instituições que funcionam como agentes e para todos os membros da sociedade. E em segundo lugar, seria importante que os pais e os educadores se encontrassem devidamente

em sintonia e que mantivessem os seus conhecimentos ,
-tilmente actualizados.

Logo, não pode haver uma educação adequada se estes três (OinpoiirN não rha;rcm previamente a acordo: os pais e familiares, a escola e a colectividade em geral, principalmente através dos meios de comunicação social.

Olhai para a educação sexual numa atitude totalmente defensiva, com tanto medo e culpa. Cada um de nós é um bicho de sete cabeças, sem desmontar os preconceitos com pés de barro, é a melhor maneira de mudar o mínimo para que tudo fique na mesma.

Será assim tão difícil abordar, com os jovens, temas como o desenvolvimento dos caracteres individuais, doenças de transmissão sexual, contraceção, riscos das relações sexuais e gravidez precoces? Dir-se-ia que a educação sexual não é só isto. Sem dúvida: mas sem isto, sem este conhecimento efectivo, o que são no mundo actual os comportamentos, valores, afectos, sentimentos, fidelidades, responsabilidades? Quantas mais tragédias terão os nossos jovens que sofrer antes que os adultos aceitem o facto de que a inocência não é preservada pela ignorância?

Para finalizar e relativamente ao objectivo geral que presidiu à elaboração do presente trabalho, ou seja, ao seu possível contributo para a investigação das Representações Sociais da Educação Sexual em adolescentes, resta acrescentar/salientar alguns aspectos das limitações inerentes às conclusões apresentadas.

De acordo com Pereira (1997), o estudo das representações envolve dois problemas distintos, um orientado para os processos utilizados na recolha dos dados sobre os conteúdos da representação e outro orientado para a análise dos dados recolhidos, de modo a identificar as relações que se estabelecerá entre eles.

De facto, no presente estudo esses dois problemas estão bem patentes, limitando esta investigação à simples condição de estudo exploratório e de modo algum científico.

Relacionado com o segundo problema referido pelo autor, salienta-se o facto de que foi necessário identificar determinadas dimensões para o estudo

das Kc)H",ciii.K,(ics Sociais da Educação Sexual. No entanto, as diversas ilin'slões que se fizeram corresponder a cada uma destas dimensões, foram sdcecionadas de uma forma pessoal e por isso muito subjectiva, não se tendo efectuado nenhum tipo de procedimento mais credível (como através de um método estatístico) no sentido de se tornar fiável a correspondência efectuada. Os resultados, desta forma, não deverão ser generalizados à população em causa aconselhando-se que em futuros estudos, se dedique um cuidado e uma atenção muito especial no momento de elaboração do questionário, pois é este que permite posteriormente efectuar uma análise concreta para que a interpretação dos resultados seja fiável, credível e possa ser generalizada.

REFERÊNCIAS

- Félix, I. (1995). Evolução da sexualidade ao longo da infância e da adolescência. In I. Félix & A. Marques (Eds.), *E Nós... Somos diferentes? Sexualidade e educação sexual na deficiência mental* (pp. 29-52). Lisboa: A.P.F.
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C., & Vilar, D. (1992). *Educação sexual na escola: um guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa: Texto Editora, (Educação Hoje).
- Jodelet, D. (1989). Representation sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.), *Psychologie Sociale* (pp. 31-61). Paris: PUF.
- Machado, A. (1988). A educação sexual na escola. *Planeamento Familiar*, 40, 2-4.
- Moscovici, S. (1984). *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press/Maison des Sciences de L'Homme.
- Pereira, C. (1997). A análise dos dados nas representações sociais. *Análise Psicológica*, 1 (XV), pp. 49-62
- Sanders, P., & Swinden, L. (1995). *Para me conhecer. Para te conhecer... Estratégias de Educação Sexual para o 1º e 2º ciclos de Ensino Básico*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Valdisseri, R. (1989). Identifying the Targets of AIDS Prevention. In *Preventing AIDS - The Design of Effective Programs*. New Brunswick and London: Rutgers University Press.



Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde
Organizado por J. Ribeiro, I. Leal, e M. Dias 2000,
Lisboa: ISPA

Abordagem psicológica da doença crônica em Centros de Saúde

ISABEL TRINDADE (*>

A intervenção de psicólogos nos cuidados de saúde primários é relativamente recente entre nós, mas já existe uma experiência significativa, nomeadamente em vários Centros de Saúde da Sub-Região de Saúde de Lisboa.

Trata-se de uma intervenção psicológica do âmbito da psicologia da saúde e que exige adaptação ao contexto específico dos serviços de saúde que prestam os cuidados de saúde primários (APA, 1998; Trindade & Carvalho Teixeira, 1998a; Haley e col., 1998) que entre nós são os Centros de Saúde e nos quais o psicólogo deve desenvolver uma actividade profissional repartida pela consulta psicológica e pela participação em diversos projectos de saúde. Isto exige o desenvolvimento de competências específicas (Trindade, 1999, 1996).

As doenças crônicas são uma causa frequente de mortalidade e de morbilidade em Portugal (Direcção-Geral da Saúde, 1997), destacando-se as doenças do aparelho circulatório (doenças cerebrovasculares, doença

* Consulta de Psicologia. Centro de Saúde da Parede.